



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO : Raul Pugno — Nota autobiographica de um luthier amator — O pianista Arthur Napoleão — Notas vagas — Concertos — Noticiario

Raul Pugno

Se existe uma carreira musical absolutamente digna de sollicitar a attenção dos historiadores do virtuosismo, mas do virtuosismo no melhor sentido da palavra, é decerto a de Raul Pugno, o grande pianista que acaba de fallecer, e a cuja memoria todo o mundo da arte rende hoje a mais sentida e vibrante homenagem de respeito.

Em Portugal, como em toda a parte, o insigne artista foi unanimemente admirado e os concertos que, conjunctamente com Ysaye, rea-

lisou em Lisboa (1904 e 1906) e no Porto (1906) ficaram por longo tempo e estão ainda na memoria de todos os verdadeiros amadores d'arte.

Nasceu o insigne musico em Montrouge, em 1852, e seu pae que era um pequeno

commerciante de musica, de nacionalidade italiana, cedo lhe inculcou o enthusiasmo pela arte e o desejo de profundar-lhe todos os arcanos. Ouviu-o uma vez Emmanuel Chabrier, o futuro auctor da *Gwendoline*, que a esse tempo não passava de um simples estudante de direito, e de tal modo o interessou o pequeno Raul que se resolveu a dar-lhe algu-



Raul Pugno

mas lições de piano, sendo compartilhado esse primeiro trabalho de leccionação pelo pae Pugno e por Mad.^le Joséphine Martin.

Protegido pelo principe Poniatowski, teve em seguida ingresso na Escola Niedermeyer. Em 1866 inscrevia-se no Conservatorio, tendo um anno depois um primeiro premio de piano, na classe Mathias. Recebeu tambem lições de Bazin, Benoit e Ambroise Thomas, em harmonia, órgão o contraponto, sendo premiado em todos esses cursos.

Tinha Pugno 17 annos, quando se forjou contra elle uma tremenda cabala, que lhe acarretou toda a casta de semsaborias. Começou a correr o phantastico boato de que Pugno era um delegado da comuna, um perigoso revolucionario, de quem era preciso fugir como da peste. E o caso é que, alastrando o boato, como legitima calumnia que era, prejudicou de tal modo o nosso artista que só muitos annos depois é que conseguiu encontrar no meio social e artistico de Paris o logar de destaque a que tinha incontestavel direito.

Ainda assim teve a relativa fortuna de obter o posto de organista da igreja de Santo Eugenio. Nomeado mais tarde mestre de capella da mesma igreja, manteve essas funcções até 1892, em que foi convidado a dirigir no Conservatorio uma classe de harmonia.

Como solista de piano, Raoul Pugno fez as suas primeiras armas nos Concertos Colonne, estreitando-se com o *Concerto* de Grieg, que ainda não era conhecido em Paris, e obtendo tal exito que teve de repetir a apresentação nos dois domingos seguintes.

Da sua collaboração com Eugène Ysaye em toda a musica de camara para violino e piano é quasi inutil fallar: ninguem desconhece que essa collaboração tomou fóros de triumpho mundial, pela admiravel *entente* de duas organizações artisticas, excepcionalmente vibrateis, pela mutua comprehensão de todas as intenções, pela altissima intuição de cada um dos executantes, e finalmente pelo superior equilibrio de duas sonoridades absolutamente bellas. Assim é que Pugno-Ysaye é quasi uma formula: é pelo menos uma expressão d'arte a mais pura, que difficilmente se poderá igualar e com certeza se não conseguirá nunca ultrapassar.

Pugno era tambem compositor e dos mais delicados. Grande amator do quadro e do *biblot*, a que rendia fervoroso culto na sua deliciosa thebaida de Gargenville, tinha o condão de encantar a todos que d'elle se acercavam, pela viveza do espirito, pelo

aproposito das anedotas e pela graça fluente das narrativas e dos ditos.

A par de conversador emerito, um grave magister, quando era preciso. E em todas as occasiões, um caracter de ouro.



Violaria

Ninguem ignora que o sr. dr. Alfredo Bensaude, cujo espirito lucidissimo e vasta erudição estão hoje ao serviço do Instituto Superior Technico, que superiormente dirige, é tambem um distincto violeiro, conhecedor profundo do todos os segredos da arte de Stradivarius.

Tendo S. Ex.^a cedido generosamente tres dos seus violinos para o Museu Instrumental que estamos organizando, veiu a proposito solicitar-lhe alguns apontamentos sobre os trabalhos de violaria, a que se tem dedicado com tão acrisolado entusiasmo e exito absolutamente unico no nosso paiz. E S. Ex.^a executou-se gentilmente com o seguinte artigo.

Nota autobiographica de um «luthier» amator

por Alfredo Bensaude

Nasci em 1856 na ilha de S. Miguel nos Açores e occupei-me mais ou menos desde 1874 da construcção de instrumentos d'arco, principalmente do violino. N'esse anno já eu vivia em Allemanha onde fui educado.

Lições de acustica a que assistira na Escola Superior Technica do Hannover, em que se repetiram algumas das conhecidas experiencias de Savart e se explicaram os resultados dos seus estudos, levaram-me a emprender a construcção do meu primeiro violino.

Estava eu um pouco preparado para uma tal façanha pois desde muito novo me occupava na Ilha de trabalhos manuaes com entusiasmo. No jardim da casa de meus paes fôra organizada uma pequena officina para recreio dos rapazes, com forja, bancada de serralheiro, banco de carpinteiro e respectivas ferramentas. De tempos a tempos vinham os melhores artifices da vizinhança ensinar-nos os seus officios, o que era sempre causa de grande satisfação para mim. Frequentava a meúdo officinas de marceneiros, torneiros, serralheiros, etc., muitos dos quaes me recebiam carinhosamente e me indicavam o modo de satisfazer o meu continuado aneio por fazer cousas com as mãos.

Na construcção de violinos foi meu mes-

tre I. Eritzoe (m. 1885) dinamarquez de nação, durante muitos annos contramestre da conhecida casa August Riechers.

Os violinos de Eritzoe correm quasi todos com o distico do seu mestre e são por isso pouco conhecidos.

Riechers transferiu a sua residencia para Berlim quando o grande violinista Joachim passou da situação de *concertino* da opera do Hannover para a de professor do Conservatorio d'aquella cidade. Eritzoe tinha ficado com a officina de Hannover; foi n'ella que trabalhei com assiduidade, com enthusiasmo até, durante todo o anno de 1874-5, adquirindo as noções que tenho da arte de construir violinos.

Aprendi ainda melhor a admirar a belleza inimitavel das obras dos grandes mestres italianos raramente apreciados como merecem por quem nunca tentou fazer um violino á vista de taes modellos.

A paixão pelos encantos da rabeca

valeu-me naturalmente a perda de um anno dos meus estudos, pois levou-me a abandonar-os enquanto durou a minha aprendizagem — abençoada estroinice que me desviou provavelmente de outras peores e tantas horas felizes me tem proporcionado.

Não obstante a minha profissão absorbente de professor de sciencias, que sempre tomei a serio, nunca me abandonou por completo o interesse pelo violino *obra d'arte*. E' paixão que não esfria.

O milionario inglez Joseph Guillot, um dos primeiros fabricantes de pennas d'aço por processos mechanicos, gastou uma for-

tuna com a opulenta galeria em que se achavam dispostos em boa ordem os seus numerosos instrumentos de Cremona mirados e admirados diariamente pelo feliz possuidor de tanta obra prima. Pessoas que lhe conheciam a paixão julgavam-no transformado de cabeça pois até no quarto de cama puzera o velho solteirão uma vitrina com os instrumentos a que votava maior carinho.

Todo o amator de violinos comprehende a suposta excentricidade do milionario. Se

ensinar rapazes fôsse profissão tão rendosa como a de fabricante de aparos d'aço na primeira metade do seculo XIX, tambem eu viveria na maior intimidade com as criações geniaes dos genios autenticos que foram Nicolo Amati, Stradivarius e Guarnerius.

Se o simples colecionador pôde apaixonar-se pelo violino, imagine-se de que exaltação é susceptivel o enthusiasmo do feliz mortal capaz de confeccionar uma por



O dr. Bensaude no seu atelier

uma as trinta e tantas peças de que se compõe a rabeca para com ellas constituir um instrumento de som agradável e de boa apparencia. Sente-se positivamente todo o amor e toda a indulgencia de pae pelo instrumento a que se deu existencia. Terminada a construcção inicia-se a phase toda cheia de difficuldades e de atractivos a que se pôde chamar a da educação. Colocar-lhe a alma, talhar-lhe o cavalete com peso e forma conveniente, são operações de uma delicadeza extrema e d'ellas depende em larga escala a sonoridade do instrumento.

Não é pois de estranhar que nunca esquecesse por completo uma das paixões mais ardentes da minha mocidade, nem que ao lado do meu quarto de estudo conserve ainda a pequena officina onde vou construindo alguns violinos novos ou reparando com carinho instrumentos antigos que os máus tractos ou concertos desastrosos tinham emudecido.

umas horas fechado na minha officina a cuidar dos meus violinos é remedio infalível para as arrelias da vida.

Thibaud, Loewensohn, Antonio Joyce, Antonio Lamas, Cecil Mackee, etc., têm-me confiado por vezes os seus instrumentos para os pôr em ordem retribuindo os meus serviços principescamente com boa musica.

O meu processo de construção desvia-se um pouco do tradicional que aprendi na officina do bom velho Eritzoe; os meus dois ultimos violinos (1903, 1904) são absolutamente symetricos na curvatura dos tampo e no contorno da costilha, o que nem sempre succede com os instrumentos dos melhores mestres.

A regularidade da curvatura obtem-se pelo traçado de curvas de nivel, a symetria da costilha conservando-a presa sobre uma prancheta até ao seu completo acabamento.

O meu filete está disposto *à face* dos tampo, ao contrario do que é corrente observar em outros instrumentos.

O verniz dos meus dois ultimos instrumentos é de minha composição e parece-me recommendavel pela sua elasticidade, transparencia e brilho — é um verniz gordo, mas está longe de egualar o admiravel preparado que ostenta o meu lindo Joseph Guarnerius (1725) que n'este particular procurei imitar.

Imagino que sou um dos raros portuguezes que têm construido rabecas dignas de tal nome sem ter no entanto criado instrumentos que me satisfaçam por completo —

A vida é curta e a arte é longa

como se diz algures no Fausto de Goethe.

Lisboa — 1 de Janeiro, 1914.



O progresso das artes é lento e insensível como o ponteiro do relógio.

RAMEAU.

(Code de musique pratique 1760)

Napoleão

Com a devida permissão do seu auctor, transcrevemos de uma guia illustrada do concelho de Gaya (*Mea Villa de Gaya*) o presente artigo, no qual se encara a physionomia de Arthur Napoleão sob um aspecto inedito, lançando mais intensa luz sobre a interessante figura que rapidamente esboçamos no numero anterior.

O Pianista Artur Napoleão

Parece que Vila Nova de Gaya com justiça reclama para o seu torrão *uma boa metade* deste notavel e glorioso musico. certo que Artur Napoleão nasceu no Porto, em 1843, e de pae portuense; mas sua mãe era de Gaya. Assim no-lo dizem: José Antonio Monteiro de Azevedo, cavaleiro da ordem de São Tiago, na sua *Descrição topografica de Vila Nova de Gaya*, e Manoel Rodrigues dos Santos, condecorado com a medalha das campanhas da Liberdade, algarismo 3, que acrescentou essa *Descrição* «com muitos aditamentos e noticias interessantes» e a publicou em 1861, dando ainda em 1881 uma 2.^a edição da mesma obra, mais acrescentada com extensa «noticia dos mais importantes acontecimentos do seculo presente, que suposto respeitam ao Universo inteiro, e a toda a Nação Portuguesa, tambem Vila Nova de Gaya teve parte neles, como ali se verá; etc.»

Artur Napoleão começou a estudar no Porto com seu pae, que era professor de piano. Foi de uma extraordinaria precocidade. Aos 7 anos de idade dava o seu primeiro concerto no teatro de S. João. Em 1852 tocava em Lisboa e logo em seguida em Londres. Nesta capital estudou algum tempo, talvez mais de um ano, com Charles Halley. Foram ainda seus mestres Henri Herz, em Paris, e Thalberg, provavelmente, na Alemanha.

Durante anos percorreu as capitães e principaes cidades da Europa, dando concertos, numa serie de triumphos. E a nossa *Descrição* cita o artigo de um jornal londrino, o *Musical Union*, em que, depois de o compararem a Mozart na precocidade genial e de dizerem que Artur se acha ali há mais de 12 mezes, como que censuram a Côte ingleza por ainda o não ter ouvido. E cumpre notar que essa revista era ao tempo dirigida nada menos do que por Sir John Ella, dizem-no as minhas informações particulares.

Numa carta a Liszt, de Janeiro de 1857, Hans von Bülow fala da estada do «petit Arthur Napoléon» em Berlin. Logo nos referiremos a este caso que encerra dados

suggestivos para o estudo do temperamento artistico do nosso grande pianista e da forma como seu pae e educou, bem como para julgar da evolução por que o seu talento mais tarde avia de passar.

Em 1858 começou as suas viagens ao Brasil e outros países da America. Desde 1864 a 1868 essas viagens tomam grande incremento e estendem-se tambem á Europa Central, constituindo talvês a serie mais importante dos seus concertos. Termina então a sua carreira de concertista; estabelece-se no Rio de Janeiro e ahi se casa passados dois anos.

A partir dessa data Artur Napoleão raras vezes appareceu em publico e só em alguma festa de caridade, ou de artista seu colega; ou ainda quando qualquer grande pianista visitava o Brasil, como succedeu com Saint-Saëns e Viana da Mota que, nos seus concertos, executaram varias composições a dois pianos com o nosso illustre compatriota.

Em 1889, Artur tocou em publico em Lisboa e no Porto. Foi esta a sua ultima aparição entre nós como pianista, penso eu.

Falemos agora do temperamento do nosso grande pianista Napoleão, que é o de um verdadeiro concertista para grande publico.— Ele possuía em elevado grau as respectivas qualidades typicas; uma impetuosidade já magistral aos 14 anos de idade (*Musical Union*), uma graça inexcedivel que Cyriaco de Cardoso definia chamando-lhe o *Sarasate do piano*, um som maravilhoso, amplo e formosissimo, assim caracterizado por Vianna da Mota ao falar das suas execuções a dois pianos no Brasil. Nesse intuito de concertista brilhante o educou seu pae; e denuncia-o não só a escolha dos mestres por ele feita para o filho, com excepção de Charles Halley, porventura a mais sólida das influencias educadôras que lhe formaram o seu talento profissional, como tambem o repertorio dos seus concertos. Artur tocou todas as mais brilhantes e dificeis *Fantasia*s de operas conhecidas, o genero de 1830 a 1860, e *perpetrou* ele proprio varios de esses trechos. Herz, Thalberg e os *tours de force* do Liszt das referidas *Fantasia*s, das *Rapsodias* e dos *Concertos* constituíam o fundo do seu repertorio de então.

Mais tarde, quando emancipado da tutela paterna, penso eu, quando já aos vinte e cinco anos de idade os ingleses o consideram um « first rate artist », esse repertorio enriquece-se com as produções mais elevadas de todos os grandes musicos; e nas suas composições originaes aponta-se, com reconhecido valor, uma *Transcrição*

da *Ouverture* do *Tannhäuser*. Ele é então um interprete entusiasta de Beethoven, Mendelssohn, Schumann, Chopin, Rubinstein, Grieg, Saint-Saëns, Liszt etc., de todos os grandes musicos enfim.

Varios factos me levam a acreditar que a evolução do seu temperamento assim se fizera. Artur é uma muito nobre e fina organização artistica para se confinar na direção brilhante e superficial que dominava o pequeno centro em que seu pae professava e formara o seu *Credo* artistico. Quando entregue a si e ao convivio dos mais notaveis musicos da Europa, essa organização revolta-se e abraça o vastissimo campo da grande musica.

Em 1857, na carta de Bülow atrás citada, vejo o pae de Napoleão filiado na escola pianistica e musical oposta á de Liszt, de quem Bülow e Tausig eram ao tempo os mais notaveis discipulos. Num concerto, o genero de Liszt tocára a magnifica *Sonata* deste ainda hoje quasi incompreendido compositor. Uma parte do publico manifestou-se ruidosamente contra essa obra original, profunda e arrojada como poucas; e o pae do « petit Arthur » foi visto na sala, associado aos ruidosos manifestantes e sendo um deles. Assim o diz Bülow, dando talvês a perceber que isto teria resultado do desejo, no pae de Napoleão, de responder a qualquer critica do terrivel Tausig.

Em 1868, como dissémos, Artur Napoleão abandona a carreira de concertista, abandona o grande publico. Tinha completado então vinte e cinco anos de idade. Em 1889, descreve-m'o alguém como um adorador entusiasta de Schumann; era incansavel em revelar todas as riquezas musicas da obra deste compositor. Em 1900, ouço-o na sua casa de Paris e ele mesmo me afirma que o seu espirito se transformára e o seu modo de ser de pianista seguia tambem uma evolução paralela. Tocou-me Chopin e pareceu-me que ele quizera penetrar fundamente a alma do grande polaco e chegára á execução diferenciada d'este autor, e portanto á de cada um dos autores estudados. E devo dizer que, na curta audição que me dedicou, julguei ver tudo isso revelado com intensa personalidade.

Abandonemos pois a primeira metade da sua vida artistica ao Porto e, á falta de melhor ipotesi, filieemos a segunda metade na sua ascendencia de Vila Nova de Gaya. E nesta teremos a *boa* ou a *melhor* das metades.

Seja porem como fôr, Artur Napoleão possui uma grande alma de artista, uma valente e sempre juvenil alma de artista,

porque ele é dos raros que, como Verdi, partiram da arte mercantil e evoluíram no sentido da arte superior e eterna; e porque, na segunda fase da existencia, é tambem um verdadeiro *enfant de ses œuvres*. E, quer ele seja de Gaya, quer seja do Porto, eu é que muito folgo em ter ensejo de prestar, ainda que tardiamente, a minha sincera omenagem a esse nosso grande pianista que, sobre ter um tão raro talento artistico, possui ainda o da maior bondade a favor dos colegas que reclamam o seu auxilio, a favor de todos quantos se acercam dele.

É um alto e generoso espirito. Vale.

Como succede com varios musicos, com o celebre compositor Philidor (1726-1795) entre outros, Artur Napoleão é um eminente jogador de Xadrez, colabora em varios jornaes da especialidade e corresponde-se com as maiores celebridades mundiaes respectivas, tornando-se, pelos seus problemas, conhecido até como inventor e contando por esse facto varias distincções onorificas.

Lisboa—novembro de 1909.

ANTONIO ARROYO.



Cartas a uma senhora

193.^a

De Lisboa.

Pois que o frio nos não matou, e que no momento em que lhe escrevo uma atmosfera macia e benigna nos reconcilia com a natureza que pelo menos aqui, no cantinho d'onde lhe escrevo, continúa polvilhando de ouro os claros ceus que os nossos olhos vêem, eu seria singularmente injusto e intoleravelmente rabujento se ferisse a nota pessimista do desespero.

Todavia — as eternas contradicções humanas! — poucas vezes no meu espirito a tristeza tem sido tão intensa e na dolorosa anciedade da existencia hei perguntado a mim mesmo com tamanho ardor, que especie de tortura me espreita para, talvez d'aqui a minutos, talvez amanhã, vir assaltar-me ao caminho...

Faço o meu balanço d'anno e não me accusa a consciencia de haver scientemente praticado um acto, escrito uma linha, exposto uma idéa que envolvessem desprimor, para quem quer que fosse ou a algum dos meus semelhantes acarretassem odios, perseguições, malquerenças.

Tambem, na impossibilidade material de espargir todo o bem possivel, já por satisfeito me julguei de porventura não haver feito grandes males.

Mas, ai de mim, mais uma vez com pezar registo que não bastam intenções honestas, nem propositos calmos para nos guardarem no mundo dos assaltos da adversidade ou das investidas da injustiça, e n'este conflicto rude de cada dia em que todos nos debatemos, os golpes não escolhem peitos e as feridas não conhecem destino.

Forçoso é pois que nos submettamos ao rigor dos Fados ou ás inclemencias da sorte porque na successão constante dos acontecimentos que formam a vida e arrastam as sociedades não ha tempo para philosophar ou pelo menos para destrinçar o mysterio de certas causas que, imprevisadamente para nós, determinam certos effeitos.

Felizes ao menos os que n'estes momentos de turbacão profunda e de melancholia amarga podem passageiramente refugiar-se no divino mundo da arte e d'ella receber a influencia sagrada d'um consolo e d'uma benção, d'uma esperanza e d'um sorriso...

Eis por que duplamente eu abenção os queridos artistas que ou me embalaram os ouvidos com a musica ideal de Beethoven, de Schumann, de Wagner, ou me desentenebreceram os olhos com a visão das suas telas onde a belleza, irmanada com a poesia, me fez esquecer a realidade.

Abel Santos, em cujos trabalhos a um tempo a factura se funde com a emoção para juntas nos darem delicados primores de paisagem, com certos quadrinhos que, fixando deliciosos recantos d'esta linda terra de Portugal simultaneamente são como trechos da sua alma errante ora dolosa ora risonha, mal imagina o bem que me causou das vezes que me puz em contacto com elles.

Que pena que as felizes creaturas endinheiradas da capital não houvessem encontrado o caminho da exposicão, e adquirido esses pedaços vividos de inspiração e de verdade que a arte tocou e que a tecnica robusteceu!

Quanto ao Estado, ao Municipio, é, creio eu, escusado por emquanto contar em absoluto com elles para auxiliarem todos os certamens d'esta ordem; a politica, a admi-

nistração, a engrenagem funcional emfim, absorve-os de tal modo que não lhes fica nem frescura nem vagar para frequentarem essas regiões serenas onde apenas se desdossentam almas, e se cultiva a flôr punicea dos sonhos que outras almas tecem e para nós corporisam e magnificam, longe da agitação dos interesses.

Alguna coisa porém irá sendo possível effectuar-se, e não desisto da idéa de ver ainda creado em Lisboa, dentro de um dos seus jardins, um pequeno museu municipal para o qual se adquiram, mediante verba annualmente consignada no respectivo orçamento, algumas obras de arte que figurem nas exposições na capital effectuadas.

Será uma questão de oportunidade e de desafogo financeiro que oxalá tornem um dia em realidade esta idéa.

Crear, fomentar a belleza, é funcção social que ninguem póde descurar, e toda a produção artistica verdadeiramente digna d'este nome não é senão uma condensação d'essa belleza cujo resonancia se fará sentir nos corações e nas intelligencias.

Ora por muito que se clame outras coisas existirem não menos importantes do que as chamadas coisas d'arte, esta entra afinal em tudo, e se a esthetica, no dizer de Flaubert, é uma justiça superior, ella que se chama tambem poesia, belleza, ideal, vem no fundo a constituir o elemento primordial da vida completa, que, integralmente comprehendida, será sempre uma obra d'arte, mais ou menos valiosa, segundo a somma de esforço empregado em a facetar e engrandecer.

Quizera ainda a proposito prolongando a mesma nota, falar-lhe da exposição Falcão Trigoso e Antonio Saude, onde os dois sympathicos e progressivos artistas marcam um novo estadio, luminoso e largo, e da exposição dos aguarellistas que teve a inaugura-la a palavra cinzelada e aurea d'esse sumo lavrante das lettras nacionaes que é Julio Dantas, mas, se m'o consente ficará para a proxima carta.

Esta não poderia conclui-la sem desfolhar algumas saudades sobre a campa de dois amigos mortos.

O dr. Jayme Mauperrin Santos, educador modelar, na mais elevada accepção do termo, merecia mais que duas linhas porque pela sua iniciativa em assumptos escolares, pela sua bella orientação pedagogica e pelas qualidades primaciaes de espirito e de character, foi alguém que nunca mais esquece, e cujo logar não será facilmente preenchido, tal o espaço que

justamente occupava e com tão grandes, variadas e complexas qualidades o marcára.

Manoel Duarte de Almeida, o estranho e fulgurante poeta da *Aromatographia* tem na sua bagagem litteraria o bastante com que ficar para sempre na immortalidade da gloria, porque o seu bilhete de entrada elle o pagou com joias como esta :

Funestissimamente um doce olhar trocaram,
Irresistivelmente o amor os attrahiu,
Voluptuosamente os labios seu collaram,
Deliciosamente a vida lhes fugiu.

Se o episodio da Francesca de Rimini vive na historia, graças ao genio de Dante, a quadra acima, se não eclipsa os bronzeos tercettos do florentino, fulgirá ao seu lado com as scintillações supremas do mais formoso marmore.

Gentilissimo espirito o d'este velho modulador da rima, que cumulativamente era um formoso coração cheio de ternura e de piedade, e um nobre character cheio de fidalguia e de isenção!

Que bello poder morrer deixando atraz de si a ondulação profunda d'uma recordação sem fim!

AFFONSO VARGAS.



Em 30 de dezembro passado realisou a Academia de Amadores o seu 146.º concerto da 31.ª serie com a sala do Conservatorio absolutamente cheia.

A orchestra, sob a direcção cuidadosa de Pedro Blanch, executou na 1.ª parte a symphonia em dó (Jupiter) de Mozart e na 2.ª o minueto de Bocherini e *Herzwunden* de Grieg.

Ao piano fez-se ouvir uma joven pianista, a menina Maria de Jesus Figueiredo, que revelou dotes e qualidades que não são vulgares e seguramente lhe reservarão um auspicioso futuro. Foram por isso sem favor os applausos que colheu nos trechos de Beethoven, Liszt e Massenet que faziam parte do programma.

Tambem mais uma vez a radiosa promessa que é D. Sara de Sousa, póde vêr como é apreciada. No Sonho de Elsa, do *Lohengrin* não lhe faltaram palmas calorosas.

Por incommodo de saude a festejada amadora D. Amelia de Almeida Serra não pôde cantar.

Continuamos felicitando a Academia pela sua benemerita obra de catechese musical, e mesmo que os exigentes possam notar naturaes deficiencias de execução orchestral, a verdade é que Pedro Blanch tem operado prodigios e com a sua orientação ha de vencer.

* * *

No sabbado 3 realisou-se no Olympia o 7.º e ultimo concerto de musica de Camara. O empreendimento não teve, como já o esperavamos, o exito, que merecia. Infelizmente poucos são entre nós os amadores de tão bello genero de musica, e mesmo os poucos que ha, nem todos frequentaram as audições do Olympia. Ha a notar que a hora não era muito comoda para quem tem que trabalhar pela vida.

N'este concerto repetiram-se o quintetto de Schumann e o trio de Beethoven op. 1 n.º 3, e executou-se o quintetto de Mozart para clarinette, dois violinos, viola e violoncello.

Foi a Sociedade de Musica de Camara que ha dez annos fez ouvir entre nós pela primeira vez essa obra tão bella; e então como agora, encarregou-se da parte de clarinette, o sr. Severo da Silva. Este artista que por longos annos tem occupado o lugar de primeiro clarinette da orchestra de S. Carlos é um musico de excepcionaes qualidades, tanto assim que, obrigado a entrar para uma orchestra d'um theatro onde se representava uma revista, e a tocar durante duzentas noites a mesma musica, não perdeu aquella delicadeza de dição que tanto se torna necessaria para uma obra como o quintetto de Mozart. Tambem a embocadura não se ressentiu d'esse fatigante trabalho, pois que aqualidade do som é a mesma que sempre lhe conhecemos. Severo da Silva não envelhece, e a extraordinaria intuição artistica que com elle nasceu, revela-se ainda da mesma forma. Se em todo o quintetto esteve sempre o distincto artista á altura da obra que executou, não ha duvida que no larghetto, se tornou verdadeiramente notavel pela interpretação justa que lhe imprimiu.

Os artistas que fizeram parte do quintetto concorreram, com bom quinhão, para o bom exito que teve a obra.

* * *

Foram duas noites inolvidaveis as que o pianista Alfred Cortot, em 3 e 5, propor-

cionou aos frequentadores do *Orpheon Portuense* e o exito obtido pelo eminente pianista francez na sala do Gil Vicente foi d'aquelles que marcam uma data gloriosa na carreira do artista.

Nos dois admiraveis programmas figuraram um *Concerto* de Wilhelm Friedmann Bach, o *Andante spianato et Polonaise* e os 24 *Preludios* de Chopin, o *Carnaval* de Schumann, o *Concerto em dó menor* de Saint-Saëns, *Litanei* e *Impromptu* de Schubert, *Inrivation à la valse* de Weber, *Rondó capriccioso* de Mendelssohn, *Leggerezza*, *CampANELLA* e 2.ª *Rapsodia* de Liszt e, em comemoração dos centenarios de Wagner e Verdi, a *Morte d'Isolda* e uma rapsodia sobre o *Rigoletto*.

Alfred Cortot foi inegualavel, ao que nos informam, na interpretação de tão variados programmas, não se sabendo que mais admirar-se, se a surprehendente technica, se o colorido e malleabilidade do seu jogo.

O *Concerto* de Saint-Saëns foi acompanhado em segundo piano pelo notavel professor portuense, sr. Luiz Costa.

* * *

Continuam a despertar entusiasmo os concertos symphonicos do Polyteama, que os verdadeiros amadores d'arte seguem com o maximo interesse e applauso.

David de Sousa tem sabido impôr-se á sua orchestra e ao seu publico, revelando de dia para dia novas qualidades que o collocam em plena evidencia e destaque; é um artista que tem estudado e conhece o seu *métier*. Com a auctoridade que d'ahi dimana e com os dotes de comprehensão, segurança e calor communicativo que n'elle se admiram, não temos duvida em assegurar ao novel maestro um lugar eminente entre os nossos melhores artistas.

Os tres ultimos concertos, effectuados em 1, 4 e 11, satisfizeram gerahnente, no tocante á execução, e agradaram a todos os paladares, sob o ponto de vista da escolha. Ouviu-se musica de todas as epocas, desde a *Musette et Tambourin* de Rameau, em pleno seculo XVIII, até aos *Esboços symphonicos* de Debussy, representando a escola avançada. Tivemos o puro classicismo com a *Heroica* de Beethoven e com o *Concerto* de Mozart, em que Severo da Silva, clarinetista de que o nosso paiz se pode orgulhar, teve mais um triumpho. Os romanticos tambem tiveram uma digna representação com as aberturas das *Hebri des* e do *Ruy Blas* de Mendelssohn, a *Valse des Sylphes* de Berlioz e o poema sympho-

nico *Orpheus* de Liszt. Para os amadores do exotismo houve uma *Dança hungara* de Brahms, uma *Suite lyrique* de Grieg e um *Poema symphonico* de Glazounow. Os wagneristas tiveram, do seu idolo, a *Marcha imperial* e a abertura do *Tannhäuser*. E finalmente, os que aspiram, e nós somos d'esse numero, a que a musica nacional se faça constantemente representar n'estas audições, para estimulo dos nossos compositores e desenvolvimento da nossa arte, lograram a satisfação de ouvir duas *suites* portuguezas, uma de Luiz Quesada, *No paiz do sonho*, e outra de Thomaz de Lima, *Cantos do meu paiz*.

Esperemos que os seguintes concertos não desmereçam d'esse louvavel eclectismo e do apuro (relativo, é claro), que presidiu á execução das obras a que nos referimos.

*
* *

Em casa de madame Mantelli, realisou-se na noite de domingo 11, a annual apresentação de discipulos. As qualidades pedagogicas de madame Mantelli tem feito affluir ao seu curso grande numero de discipulos, sendo já hoje avultado o numero d'aquelles que se encontram em manifesto estado de adeantamento. Alguns ha tambem, que dedicando-se á carreira lyrica, já se acham escripturados, tendo sido verdadeiramente auspiciosas as suas estreias.

Quem, como nós, tem assistido todas as epochas ás audições da distincta professora, é que pôde bem constatar os progressos que quasi todos os seus discipulos manifestam de anno para anno, e assim avaliar tambem o bello methodo de ensino de madame Mantelli.

Dos vinte seis numeros de que constava o programma não se executaram cinco, por impedimento d'aquelles a quem estavam confiados.

Na impossibilidade de nos referirmos a cada um dos executantes, que em geral honraram a professora que os dirige, temos que fazer menção especial de quatro discipulos de madame Mantelli: São elles, madames Couto e Adelaide Pereira e mademoiselles Cid e Pires Marinho. O grão de adeantamento em que presentemente se encontram, junto á bella qualidade de voz que qualquer d'ellas possui, e ainda á sua forma de audição, dá-lhes direito a que façamos uma pequena excepção em seu proveito.

Os nossos parabens pois, a madame Mantelli pelo bello resultado da sua audição.

*
* *

O distincto pianista Rey Colaço realisou em sua casa, no domingo 11, uma pequena festa, para que convidou um restricto numero de amigos.

Escusado será dizer que o programma d'esta festa conservou sempre um pronunciado valor artistico, já pela fórma como foi elaborado, já pelas executantes que d'elle faziam parte.

M.^{me} Rosen e Mr. Somers Cocks fizeram-nos ouvir uma deliciosa sonata de Eccles, auctor inglez. Este compositor, entre nós pouco conhecido, vem com a sua sonata desfazer a lenda que os inglezes são pouco musicaes.

M.^{elle} Maria Rey Colaço tocou adoravelmente o preludio em si bemol menor de Bach, em que além da sobriedade na dição nos patenteou o delicado *toucher* herdado de seu pai.

Em varios trechos de Franz, Wolf e Bach mostrou M.^{elle} Alice Rey Colaço uma encantadora forma de dizer junta a uma voz agradável e bem emitida.

Na aria da *Cantata* n.º 11 de Bach foi M.^{elle} Alice magistralmente acompanhada na *viola d'amor* pelo sr. Antonio Lamas.

M.^{elle} Wake Marques, uma das poucas cantoras de genero classico, que contamos entre nós, disse admiravelmente varios trechos de Schumann.

M.^{elle} Amelia Rey Colaço tanto na poesia de Campoamor «Quien supiera escribir» que recitou junto com Augusto Rosa, como em outra poesia de Lopes Vieira, mostrou quanto tem aproveitado com os sabios conselhos d'aquelle nosso grande actor, e a sua natural disposição para recitar.

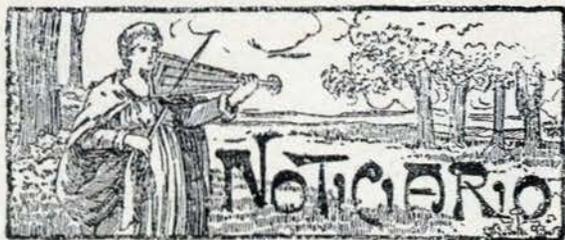
Com um côro de Schubert para contralto e côro feminino a quatro vozes, ensaiado habilmente pelo sr. Antonio Lamas finalizou esta delicada festa d'arte.

L. C.

*
* *

Por completa impossibilidade do prestimoso collaborador que costuma anotar os concertos orchestraes do theatro da Republica, não nos é possivel fazer figurar n'este numero a respectiva resenha.





PORTUGAL

No *Seculo* de 29 do mez passado, e proposito de cousas musicaes, vemos um artigo inspirado pelo conspicuo professor e nosso presado amigo rev. Thomaz Borba, e no qual se dizem dolorosas verdades que, por desgraça nossa, hão-de continuar ainda por largo tempo a ser letra morta para os nossos dirigentes.

São assumptos, em que temos constantemente insistido desde longa data, sem que conseguissemos abalar, por ora, a persistente indiferença dos que podiam com um simples traço de penna trazer algum alento à nossa pobre e desprotegida arte. O conservantismo dos governos, em materia d'arte musical, é absolutamente irreductivel, e o mais que se consegue, com a repetição dos protestos e com a teimosa insistencia nas solicitações, é crear corrente na opinião publica e preparar o ambiente que favoreça, mais tarde, o conseguimento de reformas e melhoramentos vantajosos para a arte e a resolução de certos problemas que hoje se affiguram complicados e porventura de somenos vitalidade.

A questão do canto coral nas escolas é uma das que preoccupa, e com muita razão, o professor Borba. E o lado curioso d'esta questão é que ha uma lei promulgada ha 36 annos (trinta e seis, reparem bem), que impõe o canto coral nas escolas primarias. Se reflectirmos que n'esse tão longo prazo, só se conseguiu chegar à estropiação da *Portuguesa*, pela forma como a vemos praticar por essas ruas em dias de festa nacional, havemos de confessar que, se algum caso se fez da lei, o trabalho tem sido singularmente lento!

Insurge-se em seguida o mesmo professor contra a falta de seleção na admissão dos alumnos do Conservatorio, estando os que não tem vocação nem geito a roubar positivamente aos que tem verdadeiras aptidões o tempo de que estes carecem para uma razoavel leccionação.

Tem tanta razão n'isso o rev. Thomaz Borba, como quando lastima a miserrima preparação intellectual do alumno que para ali entra. Pois não é ridiculo que se

pretenda fazer artistas de creaturas que mal sabem lêr, escrever e as quatro operações? Em que paiz se vê isso? Que absurdo juizo fazia quem tal legislou do que é o artista e da missão social que elle tem de desempenhar?

Refere-se ainda o illustre professor à falta de material escolar de que se resente o mesmo estabelecimento de ensino. Nem um cravo para os estudos da historia musical, nem um harmonium, nem um piano! Pois tudo isso havia, e muito mais ainda, na collecção instrumental que o director d'esta revista se deu ao improbo incommodo de reunir para o Estado, e portanto para o Conservatorio. E, como se sabe, o governo, precisamente o actual, mandou dispersar tudo isso, como *cacos velhos* que só para o lume prestam!

Termina o rev. Borba por alludir ao orgão de Montariol, que, depois de sollicitado para o Conservatorio, foi vandalizado pela soldadesca que no velho convento se aquartelou. E o da Covilhã não foi vendido pela decima parte do seu valor? E os das outras congregações extinctas? Não foi tudo desbaratado a trouxe-mouxe, sem tino, sem criterio, sem senso-commum? Todos elles foram parar ás mãos dos cabeças-de-pau, para *desmanchar* e aproveitar as velhas madeiras. Não se pensou em destringar se havia alguma cousa de util para a nossa arte, ou de valioso para a nossa archeologia. Cacos velhos, cacos velhos! E na ancia de traduzir tudo em centavos, reproduzimos sem pejo o barbarismo de 34, com a agravante de uma ignorancia, tão crassa como orgulhosa, que se não explica nem comprehende em pleno seculo xx.

Por isso dizemos que tarde, e só muito tarde, se terá aqui a noção dos deveres que um paiz culto contrahe, por essa mesma cultura, para com a sua arte e os seus artistas.

* * *

Foi encarregado o sr. dr. José de Padua do inquerito ao Conservatorio e aos concursos ultimamente realizados para pensionistas de musica no estrangeiro. Esse inquerito, segundo ouvimos, terá sobretudo o caracter pedagogico, e servirá de base a uma reforma de todos os serviços escolares.

* * *

Em 29 de dezembro consagrou o *Atheneu Commercial do Porto* uma sessão solemne à memoria de Sousa Viterbo, o glorioso escriptor que a nossa revista contou du-

rante tantos annos nos numeros dos seus mais brilhantes collaboradores.

Constou a sessão de um discurso de abertura pronunciado pelo sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, presidente da assembleia geral do mesmo Atheneu; elogio historico pelo dr. Alfredo da Cunha; versos de Sousa Viterbo, recitados pela sr.^{ta} D. Guilhermina de Araujo; e um discurso pelo sr. dr. Amancio Alpoim.

* * *

No *Primeiro de Janeiro* publica o sr. dr. Aarão de Lacerda um interessante perfil do pianista Hernani Torres, que, como aqui dissemos, se tem feito ouvir ultimamente no Porto com o maximo agrado.

Alem do concerto symphonico, em que Hernani Torres tomou parte como solista, deu um recital de piano, a 30 do mez passado, executando obras de Bach, Beethoven, Schumann, Chopin, Brahms e Liszt, e sendo calorosamente ovacionado.

* * *

Nos dias 17 e 19 do corrente mez darão concertos no Orpheon Portuense a pianista belga, Madame Suzanne Godenne e o violinista hungaro, José Szigeti.

* * *

A repartição de instrucção artistica officiou ao Conservatorio para que, n'esse estabelecimento e durante o corrente anno, se commemore por meio de sessões musicas o segundo centenario do nascimento dos compositores Gluck e Jomelli.

* * *

O sexteto que estava funcionando no Gymnasio, vae chamar aos tribunaes, por intermedio da *Associação de Classe dos Musicos Portuguezes*, a empreza d'aquella casa de espectaculos, a fim de lhe pedir indemnisação dos prejuizos causados pela brusca dispensa dos seus serviços.

ESTRANGEIRO

Do reputado compositor brasileiro, senhor João Schwarz Filho, recebemos uma nova edição a quatro mãos de alguns numeros do seu primoroso *Album do Brazil*, a que já nos temos referido em outras occasiões com o merecido louvôr.

Entre os trechos agora recebidos, que

todos elles revestem um vivo interesse pianistico, destacamos o *Tango-Serenata* pela veia melodica e pela extrema originalidade de factura.

Muito agradecemos ao inspirado compositor os exemplares com que se dignou brindar a nossa revista.

* * *

Já attingiu a importancia de 12 contos a subscrição publica que se abriu em Paris para erigir um monumento a Julio Massenet.

A iniciativa d'esta subscrição partiu dos jornaes *Figaro* e *Ménestrel*.

* * *

Tomaram posse officialmente da direcção da Opéra Comique de Paris os srs. Gheusi e Isola. As primeiras peças que serão cantadas sob esta nova administração são *La marchande d'alumettes* de Tiarko Richopin, *Marouf, savetier du Caire* de Raubaud e *Jongleur de Notre-Dame* de Massenet.

* * *

O maestro Weingartner assignou, por 5 annos, um contracto com a orchestra philharmonica de Vienna para a direcção dos concertos d'esta importante sociedade.

* * *

O humorista musical Erik Satie, cujo retrato aqui publicámos ultimamente com algumas notas criticas, acaba de publicar *Descriptions automatiques, Aperçus désagréables e Véritables préludes flasques* (pour un chien)!

* * *

Sob a direcção de Max Unger fundou-se em Leipzig uma associação vocal destinada a estudar e tornar conhecidos os antigos madrigaes.

* * *

Uma nova operetta de Leoncavallo, *Are You there?* foi agora representada no theatro Principe de Galles, em Londres.

O exito foi negativo.

* * *

Contam os jornaes que o conhecido violinista russo, Alexandre Petchnikoff, ao terminar um concerto em Cassel deixára cahir das mãos o magnifico instrumento

em que havia executado, um *Strad* de 9 contos, que se fez em pedaços.

Se não é *réclame*, à moda de Kubelik...

* *

A ultima obra de Ricardo Strauss é uma serie de *Motetes allemães* para còro a *capella* a 16 partes e ainda quatro vozes de solistas. A obra foi já cantada na *Philharmonie* de Berlim e dizem ser de uma difficuldade enorme d'execução.

* *

Para o logar vago pelo fallecimento de Delaborde, no Conservatorio de Paris, foi nomeado o conhecido pianista Victor Staub.

Este ultimo foi o professor de Virginia Suggia, em Paris.

* *

Uma das ultimas novidades de livraria é um volume de Blanche Selva, que trata da *Sonata* e da sua evolução technica, historica e expressiva.

* *

Entre outras publicações litterario-musicas, ultimamente recebidas, temos sobre a banca um interessante folheto, prefaciado por Paolo Litta, e tratando de *L'aria ancienne. Ida Isori et son art du Bel-canto*.

E' assignado pelo professor Ricardo Batka, da Academia de Musica de Vienna, e evoca

em poucas paginas o esplendor da epoca aurea do *bel-canto*, resumindo com extrema claresa os factos mais marcantes da sua historia, as diversas evoluções porque passou consoante o gosto do publico e outras causas de não somenos importancia, os conflictos entre compositores e cantores, tudo emfim que com a arte vocal se prende.

Ricardo Batka, como corollario das suas doutrinas, apresenta o canto como o verdadeiro vehiculo musical da expressão fallada, como involucro esthetico e sonoro da inflexão da palavra e finalmente como expansão logica e natural, sob a forma de musica, dos diversos estados da alma humana.

Termina o folheto uma serie de annotações criticas sobre Ida Isori, conhecida e muito apreciada professora de canto e cantora de concertos.

* *

O *Enfant Prodigue* de Debussy teve um grande exito no theatro da Monnaie, em Bruxellas.

* *

Em Paris, pensa-se em sanear a musica d'egreja, por meio do... phonographo. Ha um grupo de defensores da decencia artistica que se propõe phonographar certas audições, que se permitem offerecer algumas parochias aos seus fieis, e expol-as de pois à irrisão publica.

Vamos reunir um grupo em Lisboa para o mesmo effeito.

COMPOSIÇÕES PARA CANTO

DO

MAESTRO SARTI

Six chansons à dire: — Le chant de la pluie — Le baiser — Les cheveux — Les deux cœurs — Détachement — Pourquoi rougissent les roses.

Trois chansons à dire: — Dernières prières — Tendresse — Testament d'amour.

Les Chaines.

À venda na **CASA LAMBERTINI**

43, Praça dos Restauradores, 49

LISBOA